

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A INTERPRETAÇÃO EVOLUTIVA DE WERNER JAEGER DA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES: uma análise crítica

Guilherme da Costa Assunção Cecílio
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

RESUMO: No início do séc. XX os estudos aristotélicos sofreram uma reviravolta; com os trabalhos de Werner Jaeger, uma nova possibilidade de interpretação descortinou-se: trata-se da hoje célebre exegese evolutiva do pensamento e dos escritos do Estagirita. De acordo com tal interpretação, as primeiras obras de Aristóteles seriam fortemente marcadas pela influência de seu mestre; só pouco a pouco teria Aristóteles conseguido distanciar-se do platonismo e alcançar um pensamento maduro e original. No que concerne à *Metafísica*, Jaeger defende que a obra teria sido composta em um longo decurso de tempo, sendo também ela testemunho da evolução filosófica de Aristóteles. Jaeger divide, assim, a obra em dois estratos: por um lado, a “*Metafísica primitiva*” – *Urmetafysik* –, uma investigação de caráter teológico e ainda influenciada por Platão, e, por outro, a “*Metafísica tardia*” – *Spätmetafysik* –, uma ciência de índole ontológica, fruto do amadurecimento do filósofo e de seu progressivo afastamento de Platão e da Academia. Examinaremos aqui a tese evolutiva de Jaeger, dedicando especial atenção à referida interpretação da *Metafísica*.

Palavras-chave: Aristóteles, *Metafísica*, Ontologia, Werner Jaeger, exegese evolutiva.

ABSTRACT: At the beginning of the 20th century Aristotelian studies faced a major turn; with the writings of Werner Jaeger a whole new possibility of interpretation came to light: it is the now famous Developmental exegesis of the Stagirite’s thought and writings. According to this interpretation, the first works of Aristotle were strongly influenced by his master; only gradually would Aristotle have managed to distance himself from Platonism and to achieve a mature and original thought. Concerning the *Metaphysics*, Jaeger argues that it would have been written during a long period of time, being, thus, a witness to the philosophical evolution of Aristotle. Thereby Jaeger divided the work into two strata: on the one hand, the “earlyprimitive *Metaphysics*”–*Urmetafysik*– a theological research still influenced by Plato, and, on the other hand, the “late *Metaphysics*”–*Spätmetafysik*– an ontological science, the result from the philosopher’s maturation and definitive departure from Plato and the Academy. We will examine here Jaeger’s Developmental thesis, paying particular attention to his interpretation of the *Metaphysics*.

Keywords: Aristotle, *Metaphysics*, Ontology, Werner Jaeger, Developmental exegesis.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

1) A interpretação de Werner Jaeger

Em 1912, o jovem Werner Jaeger publica seu escrito de Habilitação sob o título de *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles*. Jaeger procurou defender nesse texto a tese de que a *Metafísica* não é uma obra unitária.

Jaeger empreende uma detida análise dos tratados – λόγοι – que compõem a *Metafísica*, dispensando particular atenção às duplicações – *Dubletten* – existentes em determinadas partes da obra. Ele conclui que, excetuando-se K9-12, todo o restante do texto da *Metafísica* pode, sim, ser considerado autêntico. Entretanto, para que uma obra seja verdadeira e completamente unitária, não basta que ela seja autêntica.

De acordo com o estudioso, tudo que se pode dizer com segurança é que Aristóteles teria se esforçado para criar alguma conexão entre certas partes da *Metafísica* (as quais teriam sido redigidas, todavia, em diferentes fases da carreira do Estagirita). Sendo assim, ABΓE introduziriam e desenvolveriam o discurso da ciência suprema, discurso que se estende a seções de I, bem como a *Metaph.* M1-9 e M9-N. Chegar-se-ia, assim, a série A, B, Γ, E, I, M1-9, M9-N, a qual estaria moderadamente integrada.

Já ZH constituiriam um conjunto de tratados – λόγοι – pertencentes ao âmbito do estudo das substâncias – οὐσίαι – sensíveis, coligados, por sua vez, à noção de ato e potência (*Metaph.* Θ). Nesta obra de 1912, Jaeger defende que ZHΘ constituiriam uma série à parte, que teria sido acrescentada ao primeiro grupo de tratados depois da morte de Aristóteles. ZHΘ também estariam relacionados, se bem que de modo bem menos estrito, aos sentidos de ser distinguidos em Δ7, bem como à discussão acerca do princípio supremo em Λ. Quanto a K1-8, esta seria uma introdução paralela a BΓE.

Jaeger conclui, pois, que não é possível atribuir qualquer valor literário ou artístico aos livros que compõem a nossa *Metafísica*, que consistiria, por fim, em uma espécie de “coletânea” de tratados de escola, nos quais sobrevive o espírito platônico de incessante busca do saber.

Tal conclusão encontra sustentação adicional no convincente estudo, que encerra os *Studien*, acerca da natureza dos tratados que compõem o *corpus*. Jaeger sustenta que estes consistem em escritos cuja função precípua é servir de substrato à atividade de ensino no Liceu. Os tratados – λόγοι – aristotélicos teriam sido destinados a auxiliar as preleções no Perípatos, não tendo sido nunca concebidos, ao menos em seu estado atual, como obras acabadas e prontas para a publicação.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Ainda que não se possa contestar o valor dos *Studien*, a sua importância e impacto não são nem de perto comparáveis ao livro escrito pelo mesmo autor em 1923, *Aristoteles: Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*, verossimilmente o trabalho mais relevante acerca do Estagirita da contemporaneidade. Embora seja hoje consensual entre os especialistas que os resultados obtidos nesta obra são inaceitáveis, podemos afirmar, como Aubenque (1962, p. 2) o fez, que todo estudo posterior a 1923 é uma tomada de posição a favor ou contra a tese de Jaeger.

A grande inovação e mérito do *Aristoteles* de Jaeger foi ter trazido à luz um novo cânon hermenêutico: trata-se do hoje célebre método histórico-genético (ou “evolutivo”) de interpretação dos escritos do Estagirita, o qual já havia sido ventilado, de certo modo, nos *Studien*¹. Tal método é, em síntese, aquele que procura reconstruir a evolução do pensamento de Aristóteles, elucidando, assim, a gênese e até mesmo a ordem de composição dos diversos tratados que compõem o *corpus*, o qual é encarado, sob o novo paradigma, não como um bloco unitário, mas sim como um conjunto de textos temporalmente estratificados. Jaeger explica por que este método tardou tanto para vir à luz:

A principal razão de não se ter até agora procurado estudar o desenvolvimento intelectual de Aristóteles é, em suma, a ideia escolástica de sua filosofia como um sistema estático de conceitos. [...] tão logo se abandona esta ideia, surge naturalmente a questão do desenvolvimento histórico, pois é absolutamente impossível explicar o peculiar estado em que se encontram os escritos conservados sem supor que estes contenham as marcas de diferentes estágios de evolução. (Jaeger, 1923, p. 2)².

Olhando retrospectivamente, fácil é para nós subestimar a originalidade da proposta jaegeriana e, por conseguinte, fácil é também não compreendermos o enorme impacto que ela teve quando seu autor a propôs pela primeira vez. Já estamos muito habituados a dividir o pensamento e as obras dos filósofos em diferentes fases, tal como fazemos, por exemplo, quando aceitamos a divisão dos escritos de Platão em diálogos de juventude, maturidade e velhice, e pressupomos quase sempre uma evolução no pensamento platônico que corresponda aproximadamente a esses estágios. No entanto, para sermos capazes de apreciar a magnitude da tese de Jaeger, precisamos ter em mente o quadro do aristotelismo à época de sua proposição.

¹ Embora Jaeger tenha sido o campeão da leitura histórico-genética, não se pode atribuir-lhe propriamente o pioneirismo. Ao contrário, este cabe de direito, como se sabe, a Thomas Case, cujo artigo “Aristotle” publicado em 1910 antecipa algumas das teses evolutivas defendidas em 1923 por Jaeger, porém com certas diferenças, e, de fato, conclusões mais sóbrias. Cf. Case, 1910. Este artigo foi também reimpresso: Case, 1996.

² Todas as traduções dessa obra contidas neste trabalho são de nossa autoria.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Ao colocar em primeiro plano a dimensão diacrônica do *corpus aristotelicum*, Jaeger desafiou a preconceção profundamente arraigada – e amplamente divulgada pela milenar interpretação tradicional de Aristóteles – de que todas as partes do *corpus* estivessem em perfeita harmonia e integrassem sincronicamente um sistema amplo e isento de conflitos³.

Jaeger acreditava, por outro lado, que uma das maiores virtudes do método evolutivo era justamente poder enfrentar e lidar com uma série de dificuldades que haviam sido meticulosamente evitadas pelos métodos tradicionais. Segundo Jaeger, o método evolutivo não seria, portanto, meramente uma nova opção hermenêutica, opção que poderia coexistir amigavelmente com a interpretação tradicional do Estagirita. Pelo contrário, a abordagem evolutiva estaria destinada a suplantiar a abordagem tradicional do aristotelismo, porque somente o método evolutivo seria capaz de dar conta das inúmeras tensões e anomalias que se encontram no *corpus aristotelicum* tal como ele nos chegou. Dito de outro modo, seria apenas com recurso à diacronia que se poderiam explicar satisfatoriamente diversos problemas presentes nos textos de Aristóteles; sem tal recurso, isto é, se não se contemplar a hipótese de que o *corpus* tenha sido composto em diferentes momentos e sob a égide de diferentes posturas filosóficas, só resta a opção de assacar a Aristóteles a pecha de ter incorrido em diversas contradições, ou, o que é ainda pior, ignorar essas contradições, deixando-as à margem do escopo exegético⁴. Vejamos, então, a proposta de Jaeger.

Partindo das informações contidas nas diversas *Vidas* de Aristóteles, a meta do intérprete era reconstruir a história espiritual do Estagirita, desde o período acadêmico até seus últimos anos. O filólogo empregou, para tanto, as técnicas que aprendeu com seu mestre, Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff: as contradições e duplicações textuais – *Dubletten* – são o primeiro passo para que se reconstrua a história por trás de um texto. Eis, em síntese, as suas conclusões.

A carreira de Aristóteles deveria ser dividida em três estágios:

- (1) Anos de aprendiz – *Lehrjahre* –: período correspondente aos anos em que Aristóteles foi aluno/membro da Academia, cuja característica principal seria a adesão completa

³ “Hoje, em geral, a interpretação tradicional é chamada de ‘sistemática-unitária’, em oposição à ‘histórica-genética’, que surgiu e se estabeleceu rapidamente há algumas décadas [...] ‘sistemática-unitária’ na medida em que pressupunha, sem margem para dúvidas, que as obras aristotélicas, em particular a *Metafísica*, fossem a expressão de um sistema bem estabelecido e de um pensamento profundamente unitário e operava, conseqüentemente, a solução dos problemas relativos à leitura e à interpretação filosófica dos textos tomando *a priori* como certa a possibilidade de dissolver de modo puramente especulativo as várias dificuldades apresentadas pelo pensamento aristotélico.” (Reale, 2008, p. 2, tradução nossa).

⁴ Como afirma Philip Merlan (*apud* Reale, 2008, p. XXXIV), um curioso efeito colateral da proposta de Jaeger foi “fazer-nos [os estudiosos] desejosos, ao invés de temerosos, de encontrar contradições em Aristóteles”.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

ao platonismo. Fase em que teria sido publicada quase a totalidade das obras exotéricas, cujos fragmentos conservados atestariam a imitação da forma e do conteúdo dos diálogos platônicos, ainda que possam conter alguma contribuição original.

- (2) Anos de viajante – *Wanderjahre* –: período de transição e de lento amadurecimento, durante os doze anos das viagens de Aristóteles, após ter deixado a Academia. Trata-se de uma fase de reconstrução crítica do platonismo. Remonta a esta fase a composição do *De Philosophia*, um escrito programático no qual Aristóteles tentaria a primeira síntese de seu pensamento filosófico, nos primeiros anos após a morte de Platão, obra que, todavia, ainda tem a marca da influência de seu mestre. Aqui teriam sido redigidas as partes mais antigas do *corpus*.
- (3) Anos de magistério – *Meisterjahre* –: de volta a Atenas, nos últimos treze anos de sua vida, dedicou-se o filósofo à atividade de docência no Liceu. Fase de maturidade do pensamento, cujas doutrinas, já totalmente independentes do platonismo, podem ser chamadas com mais propriedade de “aristotélicas”. Intensa atividade de redação do restante do *corpus*.

Seria possível observar uma tendência no amadurecimento filosófico do Estagirita: à fase inicial, totalmente “platônica”, seguir-se-ia uma fase “semi-platônica”, até ser atingida, finalmente, a fase autenticamente “aristotélica”. Dito de outro modo, Aristóteles teria se afastado progressivamente do pensamento de Platão, tendo dirigido cada vez mais seus interesses ao mundo empírico, em detrimento do transcendente.

A tese geral do desenvolvimento de Aristóteles poderia ser paradigmaticamente exemplificada com a análise da evolução da ciência “metafísica”, já que esta seria a espinha dorsal da evolução do pensamento do Estagirita como um todo:

Todas as linhas da filosofia de Aristóteles convergem em sua metafísica, ao passo que esta se expande, por sua vez, por todas as demais disciplinas. A metafísica exprime os propósitos últimos do filósofo, e todo estudo dos detalhes de sua doutrina que não parta deste órgão central omitirá necessariamente o principal. (Jaeger, 1923, p. 402).

No que diz respeito à reflexão metafísica de Aristóteles, o esquema ternário de Jaeger significa que na primeira fase, os anos de aprendiz – *Lehrjahre* –, Aristóteles conceberia a metafísica em moldes estritamente platônicos, isto é, como a ciência que tem por objeto as Ideias ou Formas platônicas.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

A segunda fase, os anos de viajante – *Wanderjahre* –, marcaria a ruptura com o pensamento de Platão e sua concepção das Formas; nesta fase Aristóteles teria elaborado, por exemplo, sua famosa crítica à “teoria das Ideias”. Aristóteles, contudo, ainda entenderia a ciência preeminente⁵ como uma investigação de substâncias que são eternas e separadas e divinas, de modo que o projeto positivo desta ciência seria estabelecer a existência e determinar a natureza de (novos) seres divinos para substituírem as Ideias platônicas.

Apenas na terceira fase, os anos de magistério, Aristóteles teria desenvolvido um projeto metafísico propriamente “aristotélico”, isto é, maduro e totalmente independente de Platão. A ciência preeminente consistiria na ciência universal do ser, e a noção de que as formas imanentes são o tipo paradigmático de ente (em detrimento das Formas transcendentais ou Ideias) ocuparia um espaço importante no pensamento maduro de Aristóteles.

Do ponto de vista específico da composição dos livros que integram a *Metafísica*, Jaeger defende que a redação de todas as partes da obra remonta exclusivamente ao segundo e terceiro períodos. A obra não conteria, logo, nenhum material proveniente dos anos de aprendiz, período caracterizado pela fervorosa defesa do platonismo, o que implicaria, no tangente à metafísica, na adoção da “teoria das Ideias”.

Durante os anos de viajante teria sido composta a “*Metafísica* originária, primitiva” – *Urmetafysik* –, que consistiria nos livros ABΝΛ, bem como K1-8; este período, como vimos, seria caracterizado pela adesão crítica ao platonismo, concebendo Aristóteles a ciência preeminente, dessarte, como teoria revisionista do suprassensível, isto é, como uma investigação acerca de entes imateriais, mas já não mais de Ideias platônicas.

Já ΖΗΘ teriam sido redigidos na terceira fase, durante os anos de magistério – *Meisterjahre* –. Estes livros marcariam uma virada capital no pensamento metafísico do Estagirita: neles Aristóteles demonstraria um interesse inédito pelas substâncias sensíveis (e pelas formas imanentes), erigindo algo que poderia ser caracterizado como uma ontologia do sensível, ao passo que a “*Metafísica* primitiva” seria fundamentalmente uma investigação direcionada aos entes suprassensíveis. Já *Metaph.* Γ e E1, com a famosa doutrina do ser *qua* ser – ὄν ἢ ὄν –, teriam sido redigidos com um objetivo preciso, a saber, servir de ponte entre esse grupo mais recente de tratados, que Jaeger chamou de “*Metafísica* tardia” –

⁵ Neste trabalho, servimo-nos copiosamente da expressão “ciência preeminente”, quiçá excessivamente. Fizemo-lo, porém, no intuito de manter certa neutralidade diante das diversas fórmulas que Aristóteles emprega, ao longo da *Metafísica*, para designar uma ciência que sobrepõe todas as demais ciências. Cremos que, se houvésemos optado, como fazem muitos, por expressões como “ontologia” ou “filosofia primeira” ou mesmo “metafísica”, estaríamos, possivelmente, desencaminhando a questão desde o princípio.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Spätmetaphysik –, e a “*Metafísica primitiva*” – *Urmethaphysik* –. O pensamento metafísico mais acabado de Aristóteles diria respeito ao exame dos diversos sentidos de ser, podendo ser encontrado, sobretudo, naqueles trechos compostos com a finalidade de harmonizar os diferentes estratos textuais, tal como E.

A situação de Λ seria um pouco mais complexa. Como vimos, o livro como um todo teria sido redigido na segunda fase, sendo, por assim dizer, a coroação da “*Metafísica primitiva*”. No entanto, seria $\Lambda 8$ uma composição tardia. Neste capítulo encontra-se, como é sabido, a doutrina da multiplicidade de motores celestes; de acordo com Jaeger, ao “delegar”, nesse capítulo, a determinação do número de motores celestes à astronomia, isto é, a uma ciência extra-filosófica, Aristóteles daria testemunho de uma guinada “positivística”, sendo este um importante documento do último pensamento metafísico e teológico do Estagirita.

Convém ressaltar, como o faz acertadamente Stephen Menn (*The Metaphysics and the σκοπός of metaphysics*, p. 3)⁶, que, diferentemente do que pensam alguns, Jaeger jamais defendeu a tese de que a *Metafísica* seja radicalmente fragmentária, como se se tratasse de uma série de lições ou tratados totalmente independentes, arbitrariamente compilados por algum editor tardio (quicá Andrônico), tese que, aliás, **o não-especialista erroneamente pensa ser consensual entre os estudiosos**⁷.

Jaeger, pelo contrário, estava bastante consciente dos inegáveis elos textuais patenteados na *Metafísica*. Ele advogou que a obra possui diferentes estratos, isto é, conjuntos de escritos de variada extensão, os quais teriam sido compostos em diferentes momentos da evolução filosófica do Estagirita: um primeiro momento “semi-platônico”, mais afim ao estudo de substâncias imateriais, e um segundo momento “genuinamente aristotélico”, marcado pelo estudo da substância material. Contudo, de acordo com Jaeger, o texto da *Metafísica* atestaria cabalmente o esforço **do próprio Aristóteles** de unificar ou, pelo menos, harmonizar minimamente esses grupos de escritos de diferentes índoles⁸. Frutos desse esforço de coesão seriam os próprios livros Γ e E, além de pequenos ajustes em diversas passagens.

⁶ O prof. Stephen Menn disponibilizou no site da Humboldt-Universität zu Berlin uma primeira versão de sua obra ainda não publicada em mídia impressa, *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. Sendo assim, citaremos esse trabalho do seguinte modo: MENN, título do capítulo, página.

⁷ Enfatizamos que esta opinião é realmente muito difundida; ao folhear qualquer introdução ao pensamento de Aristóteles e até mesmo estudos especificamente voltados à *Metafísica*, é comum encontrar esse tipo de afirmação. O que é pior, com frequência semelhante tese é utilizada para justificar a total falta de compromisso, por parte da maioria absoluta dos autores, de lidar com a *Metafísica* como um todo, de modo que cada intérprete se sente no direito de seccioná-la ao seu bel prazer.

⁸ Em que medida Aristóteles, segundo a opinião de Jaeger, teria sido bem-sucedido nessa tarefa é assunto que discutiremos a seguir.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Sendo assim, Jaeger sustentou, em seu *Aristoteles*, que os livros ABΓEZHΘIMN constituiriam a “série principal” de livros da *Metafísica*, a qual Aristóteles pretendia que fosse lida como um tratado único. Já a, Δ, K e Λ estariam excluídos, por diferentes razões, da “preleção principal” – *Hauptvorlesung* –, não estando descartada, em alguns casos, a possibilidade de terem sido adicionados ao corpo da nossa *Metafísica* por editores peripatéticos, depois de extraídos de outros escritos de Aristóteles.

Tendo por base o quadro que acabamos de traçar, convém agora fazermos algumas considerações sobre a interpretação jaegeriana.

Como vimos, o estudioso alemão insiste no fato de que a *Metafísica* não foi composta de uma só vez; pelo contrário, tratar-se-ia de um livro composto em um longo decurso de tempo, e que refletiria, assim, a evolução do pensamento de aristotélico. A obra conteria dois estratos bem distintos, correspondentes aos anos de viagem e aos anos de magistério, estratos que teriam sido posteriormente “costurados” pelo próprio Aristóteles, dando origem, como referimos, à “preleção principal” – *Hauptvorlesung* – contida na nossa *Metafísica*.

A “*Metafísica* originária, primitiva” consistiria em um conjunto de livros de caráter marcadamente teológico, uma vez que Aristóteles se ocuparia nestes livros de desenvolver um modelo de ciência preeminente que teria por objeto entes imateriais e divinos, buscados pelo filósofo como substitutos para as recém-abandonadas Ideias platônicas.

A “*Metafísica* tardia” seguiria, por outro lado, um modelo de ciência preeminente completamente diferente, que poderia ser adequadamente descrito como um modelo ontológico, ou até mesmo uma ontologia do sensível, já que nestes livros Aristóteles voltaria seus interesses para os sentidos de ser, para as substâncias sensíveis e para as formas imanentes.

Em suma, a *Metafísica* acolheria dois modelos temporalmente distinguíveis de ciência preeminente, o modelo teológico (mais antigo) e o modelo ontológico (mais recente); os estratos textuais correspondentes a esses modelos teriam sido posteriormente coligidos por Aristóteles. Mas, descrevendo desse modo a interpretação de Jaeger, corremos o risco de simplificá-la em demasia.

É verdade que, segundo Jaeger, Aristóteles teria procurado harmonizar, no texto final da *Metafísica*, o modelo ontológico e o teológico de ciência preeminente. Para tanto, Aristóteles teria inclusive redigido importantes partes da obra, tais como os livros Γ e E (e, especialmente, o crítico primeiro capítulo de E). Mas somente afirmar isso não resolve uma importante questão: independentemente de seu esforço de unificação, teria Aristóteles

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

conseguido unificar efetivamente os dois modelos de ciência, de tal modo que, ao fim do processo, não se trataria mais de dois tipos de ciência, mas de uma única e renovada ciência?

A resposta de Jaeger é categórica: Aristóteles não resolveu a tensão entre ontologia e teologia porque tal tensão seria, de fato, insolúvel. Referindo-se ao famoso trecho de E1 em que Aristóteles explicitamente procura compatibilizar os dois modelos de ciência, Jaeger afirma:

A contradição é inegável e o próprio Aristóteles deu-se conta dela. [...] Esta glosa não suprime a contradição, pelo contrário, somente a torna ainda mais explícita. [...] Não resta outra opção senão admitir que o filósofo não encontrou solução para a aporia [...]. (Jaeger, 1923, p. 226-227)

Como se vê, segundo Jaeger, não só Aristóteles não conseguiu harmonizar as descrições ontológicas e teológicas, mas, ao tentá-lo, acabou expondo a profunda fragilidade desta empresa.

Resta observar que, embora Jaeger afirme peremptoriamente que a tentativa de Aristóteles de unificar a *Metafísica* não tenha sido bem-sucedida, ele jamais considera esse resultado como um fracasso filosófico. O conflito que o método evolutivo trouxe à luz, bem como outras tensões em diversos campos da reflexão filosófica de Aristóteles, seria na verdade um sinal de vitalidade do pensamento do Estagirita, continuamente dedicado a revisar e tentar a mediação de instâncias problemáticas.

A alma do pensamento de Aristóteles não é o juntar (συνιστάναι), mas sim o dividir (διαίρειν), e isto não como princípio de construção, mas como instrumento de investigação viva. Por isso seu “sistema” resulta provisório e aberto em todas as direções. [...] cada esfera especial conserva seu caráter de tentativa e indagação, que não encontra jamais satisfação na forma exterior de uma construção perfeita e impecável, mas está sempre se corrigindo e aperfeiçoando [...] **se há alguma totalidade pela qual Aristóteles luta, não é a totalidade do conhecimento acabado, mas sim dos problemas.** (Jaeger, 1923, p.399; 401, grifo nosso)⁹.

⁹Jaeger atinge, deste modo, as raias da interpretação aporética, isto é, aquele tipo de interpretação que põe em relevo o caráter intrinsecamente problemático do pensamento de Aristóteles, visão tornada célebre por Pierre Aubenque no livro *Le problème de l'être chez Aristote*, de 1962. A despeito de criticar vivamente o método evolutivo, Aubenque aceita a noção que está na base da tese de Jaeger, nomeadamente, a opinião de que a *Metafísica* abrigaria dois modelos distintos de ciência preeminente, um modelo ontológico e outro teológico. Aubenque defende, *grosso modo*, que a ontologia é um projeto que jamais se conclui: seria impossível apreender completamente o *ser*, pois quando se tenta fazê-lo, o máximo que se atinge é o *ente*. Tal tese, de claro sabor heideggeriano, conjuga-se no pensamento do estudioso francês com um severo juízo acerca da teologia. Este seria um saber igualmente irrealizável: o objeto da teologia está sobremaneira afastado de nós, homens; por mais que nos esforcemos, o divino sempre nos escapa. Em suma, nem seria possível unificar teologia e ontologia, nem a hipotética compatibilização de ambas traria proveito algum, pois tanto uma quanto outra são ciências que, *per se*, não podem ser satisfatoriamente levadas a termo.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

A substituição do paradigma de um sistema aristotélico estático por um “ ‘sistema’ provisório e aberto” serviria para restituir aos escritos do Estagirita a vitalidade de uma investigação livre, poupando-o, colateralmente, da pecha de dogmatismo e até autoritarismo. Descortinar-se-ia a verdadeira face de Aristóteles: o filósofo do perene questionar, do revisionismo honesto.

2) Novas interpretações evolutivas

Na esteira do *Aristoteles* de Jaeger, apareceram diversos novos estudos que entusiasticamente adotavam o recém-surgido método histórico-genético. Não desejamos sobrecarregar o leitor deste trabalho com a descrição pormenorizada desses novos estudos; procuraremos, portanto, apresentar uma síntese de seus resultados no que tange à *Metafísica*¹⁰.

Podemos dizer que, inobstante a comunhão metodológica, as novas propostas evolutivas chegaram a conclusões que contradiziam seja a proposta global de Jaeger, seja cada uma de suas teses pontuais. Escreve Reale:

A determinação da πρώτη φιλοσοφία como teologia foi considerada como a primeira etapa da evolução metafísica de Aristóteles por Jaeger, como última por Gohlke e por Wundt, como primeira e última (mas em sentidos diferentes) por Oggioni. A perspectiva ontológica, isto é, a teoria do ὄν ἢ ὄν, [...] foi considerada como última etapa sobretudo por Jaeger; trata-se, para Wundt, de uma etapa intermediária e de pouco valor; é a última, unida à etapa teológica, para Gohlke e Oggioni. [...] É pleno o desacordo também na interpretação do caráter teórico em que se colocariam as diversas perspectivas da πρώτη φιλοσοφία. [...] A teoria do ὄν ἢ ὄν representaria o espírito platônico para Wundt, não-platônico e tipicamente aristotélico para Jaeger e Oggioni. A componente teológica é, para todos, completa ou parcialmente representante do espírito platônico; mas, para Jaeger, o platonismo é o ponto de partida do qual Aristóteles tende a se distanciar; para Gohlke e Wundt, o platonismo é a linha de chegada, no sentido de uma meditada recuperação; para Oggioni, tratar-se-ia de um retorno ao platonismo, contra a tendência, mais autenticamente aristotélica, em direção ao empirismo crítico. (Reale, 2008, p. 7).

¹⁰ O primeiro a adotar o método evolutivo e aplicá-lo à *Metafísica*, atingindo, porém, resultados opostos aos de Jaeger, foi Hans von Arnim. Cf. Von Arnim, 1927-1928; Von Arnim, 1931. Relevantes são também as interpretações de Emilio Oggioni, Paul Gohlke, Max Wundt e Josef Zürcher; cf. Oggioni, 1939; Aristóteles, 1949; Gohlke, 1954; WUNDT, 1953; Zürcher, 1952. Para uma análise detalhada das propostas de Oggioni, Gohlke, Wundt e Zürcher, cf. Reale, 2008, *passim*. No campo dos estudos em língua inglesa, um trabalho muito influente é o artigo de G. E. L. Owen, o qual também procura subverter o quadro evolutivo proposto por Jaeger; cf. Owen, G. E. L. 1965. Uma acurada análise da suposta refutação de Jaeger realizada por Owen encontra-se no artigo de Alan Code que integra um volume dedicado à evolução de Aristóteles em geral; cf. Code, 1996.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Como se pode perceber, passados poucos anos, o panorama dos estudos evolutivos era desolador¹¹; o método histórico-genético mostrou-se capaz de “provar” tudo e o contrário de tudo, sendo esta uma das principais razões por trás de sua rápida decadência no campo dos estudos aristotélicos.

3) Crítica à interpretação de Werner Jaeger

Convém agora examinar a notória interpretação evolutiva proposta por Jaeger. Podemos dizer, em síntese, que este estudioso procurou instaurar um novo paradigma de leitura do *corpus aristotelicum*: este deveria doravante ser tomado não mais como um bloco monolítico, fruto de um grande sistema filosófico sincronicamente unitário, mas sim como um conjunto de escritos cronologicamente estratificados, estratos estes que corresponderiam às diferentes fases do longo processo de desenvolvimento intelectual do Estagirita.

Sendo assim, Jaeger procurou catalogar as obras de Aristóteles segundo três grandes períodos de composição: o estágio inicial, marcado pela fervorosa adesão ao platonismo; o estágio final, em que Aristóteles teria finalmente conseguido emancipar-se intelectualmente, isto é, livrar-se da pesada influência de seu mestre; e um período de transição entre essas duas fases.

Jaeger serviu-se dessa tese geral como fio condutor para empreender uma “restauração” do *corpus*: ele julgou ser capaz de datar, ao menos aproximativamente, não só cada obra de Aristóteles, mas até mesmo seções do que tradicionalmente se considerara como sendo uma única obra. No que tange à *Metafísica*, por exemplo, Jaeger distinguiu dois grandes blocos textuais, a “*Metafísica primitiva*” e a “*Metafísica tardia*”, os quais teriam sido redigidos, respectivamente, no período de transição e na última fase da evolução filosófica de Aristóteles. Já as chamadas obras exotéricas, defende Jaeger, teriam sido escritas em sua maioria quando Aristóteles ainda era membro da Academia, sendo, dessarte, obras de caráter marcadamente platônico.

A atenção à evolução do pensamento do Estagirita seria, sustenta Jaeger, a chave para compreender o *corpus aristotelicum* em sua completude, e fazê-lo significa considerar não

¹¹ Talvez o melhor exemplo dos extremos atingidos pelos defensores do método histórico-genético seja a fantasiosa interpretação de Josef Zürcher. Este autor defendeu que o *corpus* contém, sim, fortes sinais de evolução; essa seria, contudo, a evolução não de Aristóteles, mas a de Teofrasto! O Estagirita teria se mantido platônico durante toda sua carreira, ao passo que Teofrasto teria evoluído de uma postura platônica ao empirismo radical. O discípulo teria editado a obra de seu mestre, justapondo seus próprios escritos aos textos compostos por Aristóteles. De acordo com Zürcher, o resultado desse incrível trabalho editorial seria que apenas um quinto do *corpus* “*aristotelicum*” teria sido efetivamente redigido por Aristóteles. Para uma detalhada análise da proposta de Zürcher, cf. Reale, 2008, p. 449-484.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

apenas as teses positivas nele contidas, mas também, e, talvez, principalmente, as inúmeras e profundas tensões que o permeiam, tensões que foram em regra deixadas de lado pelas interpretações tradicionais. Possivelmente o melhor caso para exemplificar as alegadas vantagens da proposta de Jaeger seja justamente a *Metafísica*.

Jaeger, como mencionamos, entende que a *Metafísica* seja composta por dois grandes grupos de tratados, a dita “*Metafísica primitiva*” e a “*Metafísica tardia*”. Vimos também que o autor entende a “*Metafísica primitiva*” como uma ciência teológica, e a “*Metafísica tardia*” segundo, *grosso modo*, um modelo ontológico de ciência preeminente. A tensão entre esses dois modelos de ciência suprema, poderia ser, se não efetivamente resolvida, ao menos explicada com o recurso à diacronia: a *Metafísica*, tal como ela nos chegou, não seria o fruto de um único projeto filosófico; pelo contrário, ela abrigaria duas visões não conciliadas e até mesmo inconciliáveis de ciência suprema, cuja coexistência em uma única obra só pode ser explicada com a suposição de que elas sejam o resultado de duas investigações independentes e consecutivas.

A fecunda tese de Jaeger dá margem a muitas considerações. Tratemos, primeiramente, de alguns aspectos pontuais.

O primeiro dos três estágios da suposta evolução intelectual de Aristóteles distinguidos por Jaeger foi severamente criticado por muitos estudiosos. Jaeger caracteriza-o, como vimos, como um período de aferrada adesão platonismo por parte de Aristóteles, isto é, uma fase em que Aristóteles se limitaria a repropor as teses de seu mestre.

Fato é, porém, que o *corpus aristotelicum* não demonstra a mera retomada de teses platônicas; pelo contrário, não é raro encontrar passagens em que Aristóteles abertamente polemiza com Platão. Jaeger procura contornar essa dificuldade com uma tese engenhosa: os textos que dariam testemunho do período puramente platônico da evolução filosófica do Estagirita estariam praticamente restritos às chamadas obras exotéricas, as quais, como se sabe, ou se perderam totalmente ou só nos chegaram de modo extremamente fragmentário. Em coerência com sua tese, Jaeger supõe que a vasta maioria das obras exotéricas tenha sido composta no período em que Aristóteles era ainda membro da Academia, excetuando-se os opúsculos *Sobre as Ideias* e *Sobre o Bem*, cujo viés conspicuamente anti-platônico colocá-los já fora do primeiro período de produção aristotélico.

Antes de tudo, é preciso reconhecer que a tese de Jaeger revigorou enormemente o estudo das obras exotéricas de Aristóteles, estudo que vêm produzindo excelentes resultados. Dito isso, é preciso também salientar que justamente o conhecimento mais aprofundado das

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

obras em tela tem revelado o oposto do que Jaeger pretendia: tais obras não são repetições servis da filosofia platônica; pelo contrário, encontram-se nelas teses tipicamente “aristotélicas”, isto é, perfeitamente coerentes com as teses defendidas nas chamadas obras esotéricas.

Ademais, a posição de Jaeger de que as obras exotéricas tenham sido escritas quase que exclusivamente no período de juventude da produção aristotélica não é aceita por muitos estudiosos. Como afirma Reale (2008, p. XXXIV), a publicação de obras deve ter sido um importante meio de promover as escolas filosóficas; é, portanto, muito pouco verossímil que Aristóteles, depois de ter fundado o Liceu, renunciasse a este poderoso instrumento de divulgação de sua escola.

Em síntese, nem é provável que Aristóteles só tenha publicado obras em sua juventude, nem essas obras são mera repetição da filosofia de Platão. E isso implica em graves consequências para a proposta de Jaeger; de fato, parte essencial de sua interpretação evolutiva era o período de juventude, fase em que Aristóteles supostamente teria defendido as teses de Platão. Como vimos, Jaeger buscou dar plausibilidade à sua proposta apelando para as fragmentárias obras exotéricas; mas se nem mesmo essas servem de sustentáculo para sua tese, esta fica seriamente comprometida. Demos um exemplo concreto: ser “platônico” em metafísica certamente tem de significar ser um partidário da “teoria das Ideias”; contudo, é evidente que Aristóteles jamais defendeu a existência das Ideias nas obras esotéricas, e tudo indica que também nas obras exotéricas ele jamais o tenha feito. E se Aristóteles jamais sustentou a doutrina das Ideias, com que direito pode Jaeger postular uma fase estritamente platônica no amadurecimento metafísico do Estagirita? Por pior que sejam estas objeções, ainda não se trata das críticas mais graves à interpretação de Jaeger, às quais passaremos agora.

A interpretação de Jaeger está alicerçada em um conflito fundamental, o conflito entre a fase “platônica” e a fase autenticamente “aristotélica” do amadurecimento intelectual de Aristóteles. O problema reside justamente no modo um tanto simplista com que Jaeger trata esses dois conceitos cardeais, isto é, aquilo que ele quer significar quando usa os predicados “platônico” e “aristotélico”. Teresa Oñate y Zubía (2001, p. 65) chega ao extremo de sugerir que o modo como Jaeger descreve a dicotomia “platônico”–“aristotélico” reproduziria uma perspectiva renascentista do conflito entre os dois filósofos, a saber, a visão que representa Platão, por um lado, como o filósofo da transcendência, do espírito religioso, e Aristóteles, por outro, como o filósofo da imanência, o campeão do espírito laico e científico, visão que

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

foi imortalizada no celeberrimo afresco da “Escola de Atenas”, no qual Platão figura apontando para o céu e Aristóteles para a terra. É óbvio que tal compreensão do que significa ser “platônico” ou “aristotélico” é um tanto simplista; Platão não é meramente o filósofo das Ideias transcendentais, como Aristóteles não é apenas um cientista.

Essa crítica de Oñate y Zubía a Jaeger é, provavelmente, excessiva; no entanto, devemos notar que o estudioso alemão, de algum modo, dá azo a semelhantes considerações, uma vez que sua visão do que significa ser “platônico” ou “genuinamente aristotélico” é, sem dúvida, reducionista. Vejamos.

Jaeger distingue a “*Ética primitiva*” – *Urethik* – da “*Ética tardia*” – *Spätethik* –; enquanto a primeira consistiria em uma concepção ética de caráter fortemente teônimo, na qual a contemplação do divino ocuparia um lugar de destaque, o pensamento ético maduro de Aristóteles já estaria livre do fardo da transcendência. E temos um quadro de todo análogo no que concerne à interpretação da *Metafísica*. Como vimos, Jaeger concebe uma “*Metafísica primitiva*” e uma “*Metafísica tardia*” e as descreve, respectivamente, como uma metafísica teológica e uma metafísica ontológica, isto é, uma investigação do ser em geral, mas, sobretudo, do ser das coisas sensíveis. Pois bem, se não aceitamos a descrição jaegeriana do que significa ser “platônico” ou “aristotélico”, por ser excessivamente redutiva, que motivos temos nós para aceitar a reconstrução do *corpus aristotelicum* que é empreendida com base nesses conceitos¹²?

Para além das críticas ao modo como Jaeger entende os conceitos em apreço, voltemos nossa atenção para o próprio procedimento por ele empregado, o qual parece objetável por si só.

Parte importante da interpretação jaegeriana consiste em selecionar dois conceitos, nomeadamente, os conceitos de “platônico” e “aristotélico” e, tomando-os por base, promover uma reordenação do *corpus aristotelicum*. Dito de outro modo, Jaeger parte de uma visão pré-concebida do que seja ser “platônico” e passa, então, à procura das obras ou seções de obras que se coadunam com essa visão, classificando essas obras ou seções de obras como escritos pertencentes à juventude do Estagirita. O autor toma, a seguir, o conceito de “aristotélico” e

¹² Embora não constitua uma objeção à tese de Jaeger em si mesma, vale a pena notar uma curiosa implicação da mesma. O estudioso alemão foi, como mencionamos, um grande crítico da interpretação tradicional que se fazia de Aristóteles, a qual tenderia a deformar o seu pensamento ao pressupor que a filosofia aristotélica tinha de constituir um sistema. Todavia, a própria interpretação evolutiva parece padecer do mesmo mal: ao falar de um estágio “platônico” e outro “genuinamente aristotélico”, Jaeger sub-repticiamente reintroduz a noção de sistema, pois cada um destes estágios teria uma unidade de pensamento tal que os faz merecer, em nossa opinião, o título de pequeno sistema.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

emprega o mesmo procedimento para encontrar os escritos de maturidade; ele classifica, então, todo material restante como “semi-platônico” e o aloca em um suposto período de transição da evolução de Aristóteles. Partindo de noções pré-concebidas acerca da evolução do filósofo, Jaeger atinge, ao cabo, uma reordenação do *corpus* que de certo modo serve para confirmar a sua parábola evolutiva; Jaeger flerta, assim, com um círculo interpretativo assaz vicioso.

Mas o procedimento de Jaeger é reprovável não apenas por sua circularidade, como também pela arbitrariedade que lhe é intrínseca. Reale, um dos maiores opositores do método de Jaeger, expressou bem o problema em questão:

O método histórico-genético, para ser verdadeiramente **histórico**, deveria construir-se sobre **dados de fato** incontrovertidos, sobre **datas** seguras e bem provadas; ao invés, umas e outras faltam completamente [...] (Reale, 2002, p. 320).

[...] E um dado de fato não pode ser deduzido de exegeses e interpretações conceituais. (Reale, 2008, p. XV).

Como salienta Reale, Jaeger pretende que seu método seja histórico; Jaeger não foi capaz, paradoxalmente, de apresentar dados históricos cabais que sirvam como marcos suficientemente seguros para a reconstrução do *corpus* que ele deseja empreender.

Em primeiro lugar, os tratados preservados, como se sabe, contêm, em sua vasta maioria, pouca ou nenhuma informação acerca do contexto histórico, de tal modo que a datação imediata é impossível. Jaeger procura, então, apoiar-se nas informações que ele conseguira extrair das *Vidas* de Aristóteles; mas tais dados, como muitos críticos observaram, não são suficientemente precisos para atender às pretensões de Jaeger.

Na falta de referências históricas relevantes, como seria possível organizar uma cronologia das obras de Aristóteles? O caminho mais promissor parece ser a análise das referências cruzadas que o *corpus* inegavelmente ostenta.

Mas, como se sabe, as referências cruzadas também são, em última instância, inconfiáveis, visto que, por vezes, elas operam nos dois sentidos: o texto α contém uma frase do tipo “como dissemos em β ”, o que parece ser um sinal de que β seja o texto mais antigo dos dois; mas às vezes encontra-se em β o mesmo tipo de remissão a α , o que, pela mesma lógica, sugeriria que α seria anterior a β , despedaçando assim a coerência da tentativa de determinar a ordem de composição dos tratados aristotélicos com auxílio das referências cruzadas.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Ora, se faltam dados históricos inquestionáveis e se as referências cruzadas não podem ser licitamente tomadas em consideração, a interpretação de Jaeger fica desprovida de bases confiáveis, só lhe restando aquele aspecto que é mais objetável, a saber, a utilização de noções pré-concebidas para rearranjar o *corpus aristotelicum*.

Muitos são os estudiosos que erguem uma objeção ainda mais forte à tese de Jaeger, uma verdadeira objeção de princípio ao método evolutivo, que pode ser expressa aproximadamente como se segue.

A consideração da natureza dos tratados aristotélicos, isto é, o reconhecimento de que se trata de escritos cuja função precípua era servir de substrato para a atividade de ensino do Liceu¹³, implica que esses tratados estiveram sempre à disposição do seu autor para serem reformulados, retocados, expandidos, em suma, modificados. E dada a prática de Aristóteles de revisar seus escritos, como é amplamente reconhecido pelos estudiosos, parece vã a pretensão de determinar de modo definitivo a que período pertença um determinado texto, uma vez que o mesmo texto pode ter sido retocado em diversas ocasiões. Sendo assim, o método evolutivo está viciado desde o princípio, e Jaeger deveria sabê-lo, pois ele mesmo afirma (1923, p. 185) que “as notas de suas preleções [de Aristóteles] estão totalmente sujeitas a uma contínua modificação [...]”.

Há ainda outra grave objeção que decorre do caráter peculiar dos escritos esotéricos do Estagirita. Considerando-se que estes escritos de escola nunca foram publicados, isso implica que eles nunca saíram totalmente do domínio de seu autor. Mas, se é assim, como sequer aventar a hipótese de uma evolução estrita no pensamento de Aristóteles?¹⁴ Expliquemo-nos. Se Aristóteles, como quer Jaeger e seus sequazes, mudou radicalmente de direcionamento filosófico em determinado assunto, chegando, na maturidade, a posições radicalmente diversas das que supostamente sustentara em juventude, e se, como dissemos, os seus textos esotéricos sempre estiveram à mão, por que não teria o filósofo simplesmente descartado os

¹³ Jaeger, aliás, foi um dos que chamaram atenção para o caráter peculiar dos λόγοι aristotélicos, tendo se ocupado do assunto já na parte conclusiva dos *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles* de 1912.

¹⁴ Afirma Aubenque (1962, p. 9-10, tradução e grifo nossos): “[...] Mas é importante que tomemos posição com relação ao método genético em geral, tal como ele foi inaugurado por W. Jaeger. [...] fragmentando-se ao infinito, a tese da evolução acaba por se autodestruir. Ela se reduz, por fim, à banalidade de que Aristóteles não escreveu toda sua obra de uma só vez [...]; nenhuma interpretação filosófica, seja do autor que for, é possível se não se estabelecer, como princípio, que ele permaneça sempre responsável pela totalidade de sua obra, desde que não tenha expressamente renegado essa ou aquela parte. E este princípio aplica-se ainda mais a Aristóteles, visto que os seus escritos que nos chegaram não são provenientes de livros destinados à publicação e que teriam, assim, escapado ao controle de seu autor, mas eram um material didático permanente (o que não significa intangível) a que Aristóteles e seus discípulos deviam sempre fazer referência como à carta de unidade doutrinal do Liceu”.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

textos com os quais não concordasse mais, eliminando, de modo muito mais eficiente, qualquer tensão ou inconsistência em sua própria obra?¹⁵

Outra grave objeção que se pode levantar contra a interpretação de Jaeger é a excessiva ênfase que ela põe em aspectos psicológicos, irracionais, e, portanto, imponderáveis. Jaeger, de fato, simplesmente pressupõe que Aristóteles, por ser relativamente jovem, não poderia ter escapado da influência de um dos maiores vultos da História da Filosofia, tendo permanecido aproximadamente como um repetidor de Platão em sua juventude; apenas com o tempo Aristóteles teria conseguido libertar-se dessa suposta influência e formular sua própria filosofia. Como é evidente, tal análise depende fortemente de especulações sobre o modo como a personalidade intelectual de Aristóteles teria conseguido afirmar-se diante de Platão, ou seja, trata-se de uma suposição acerca da psicologia de Aristóteles. Independentemente da plausibilidade de semelhantes elucubrações, este não nos parece ser um fundamento adequado para a reconstituição do desenvolvimento intelectual de Aristóteles e, menos ainda, para a reordenação de seus escritos.

E a arbitrariedade de semelhantes pressuposições acerca da psicologia de Aristóteles se torna patente quando tomamos em consideração as propostas interpretativas de outros autores que seguiram o método histórico-genético. Hans von Arnim, o primeiro a assimilar o método evolutivo de Jaeger, supôs exatamente o oposto que o seu precursor: Aristóteles teria começado a sua carreira como um anti-platônico; a fundação do Liceu, que era, afinal de contas, uma escola concorrente da Academia, encontraria uma justificativa precisamente no fato que a escola de Aristóteles possuiria uma orientação filosófica nitidamente distinta da de Platão; apenas com o passar do tempo Aristóteles teria se reaproximado das posições de seu mestre.

¹⁵ Vianney Décarie (1972, p. 181) escreve: “Nenhum dos tratados atribuídos a um ou a outro período [o período (semi-)platônico e o genuinamente aristotélico da suposta evolução de Aristóteles] apresentava, **em estado puro**, nem um nem o outro caráter. O recurso a acréscimos ou interpolações ia além do que se poderia razoavelmente admitir e conduzia, em alguns casos, a uma conclusão contrária a que se pretendia defender: se Aristóteles acrescenta uma nota para corrigir uma opinião que ele não mais aceita, não pode ele simplesmente eliminar as passagens que dela guardam quaisquer resquícios? Se ele não o faz, é porque ele aceita o que se crê serem os estágios antigos e recentes de seu pensamento. E isso permite duvidar da hipótese de que se partiu: o acréscimo retificador”. Nesta obra, Décarie analisa diligentemente todas as referências à ciência preeminente (apareçam elas sob a expressão “πρώτη φιλοσοφία” ou qualquer outra) contidas no *corpus aristotelicum*, desde os fragmentos das obras exotéricas até os escritos biológicos, passando, é claro, pela própria *Metafísica*. Suas conclusões têm sérias consequências para as leituras evolucionistas, pois Décarie comprova, sem sombra de dúvida, que quase todas as referências à ciência preeminente dispersas pelo *corpus* (com exceção de *Metaph. Γ*, e poucas outras passagens que remetem a *Γ*) apontam sistematicamente para o caráter “teológico” desta ciência, isto é, indicam que a ciência preeminente tem por objeto seres imóveis e separados. Sendo assim, só podemos lamentar que tão pouco uso tenha sido feito deste importante trabalho.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Como se vê, o modo como os evolucionistas operam é tal que a reconstrução da evolução intelectual de Aristóteles parece depender de preferências idiossincráticas: a uns parecerá mais crível que Aristóteles tenha sido um platônico em sua juventude, a outros será mais verossímil que ele tenha sido um anti-platônico.

Note-se, por fim, que há hodiernamente uma percepção bastante difundida entre os estudiosos de que o método evolutivo seja, ao fim e ao cabo, pouco filosófico. De fato, as interpretações evolutivas partem em geral do diagnóstico de alguma tensão na obra de Aristóteles, ou seja, partem do reconhecimento de algum problema, mas findam por dissolver esse problema com o recurso a uma suposta evolução do pensamento do Estagirita. Em suma, o método jaegeriano tende fortemente a optar pela solução cronológica para “solucionar” (supostas) inconsistências, ao invés de tentar resolvê-las filosoficamente, ou melhor, ao invés de tentar mostrar como Aristóteles teria resolvido o problema (ou, no mínimo, como uma solução poderia ser licitamente extraída de sua filosofia).

Diante desse panorama desolador, são hoje poucos aqueles que ainda defendem o método de interpretação de Aristóteles inaugurado por Jaeger; se a hipótese evolutiva não feneceu completamente, é porque ela se tornou uma espécie de último recurso: somente se lança mão dele depois de terem sido esgotadas todas as demais alternativas de responder filosoficamente a um determinado problema na exegese de Aristóteles.

Por fim, subscrevemos o diagnóstico de Menn (*The reconstruction of Platonism and wisdom as περὶ τὰ γαθοῦ*, p. 5), que afirma que o maior de todos os desserviços prestado por Jaeger foi o de ter fornecido uma espécie de desculpa para que muitos intérpretes posteriores descurassem aquelas partes do *corpus* que haviam sido consideradas por Jaeger como sendo platônicas ou “semi-platônicas”, e, inversamente, dirigissem toda a atenção para os trechos supostamente maduros da produção do Estagirita; e, o que é pior, tal preconceito ainda se revestia de uma aura de seriedade, pois, apesar de todas as críticas, o valor de Jaeger como filólogo é inegável. Talvez o exemplo mais conspícuo desse tipo de atitude (embora, certamente, não o único) é o da *Metafísica*, cujos “livros sobre a substância” – *Substanzbücher* –, isto é, ΖΗΘ (os quais, como vimos, foram eleitos por Jaeger como o paradigma do “Aristóteles maduro”), têm recebido, há quase um século, a maior parte da atenção por parte da crítica especializada, ao passo que seções cruciais da obra, tais como *Metaph. A, B, E e Λ*, têm sido consideravelmente negligenciadas.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da
A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *La Metafísica* – con una introduzione storica, analitica e filosofica a cura di Emilio Oggioni. Padova: CEDAM, 1949.
- _____. *Aristotelis Metaphysica: recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. Jaeger*. Oxford: Clarendon Press, 1958. (Coleção Oxford Classical Texts).
- _____. *Metafísica: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale*. Tradução para o Português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005. 2º v.
- AUBENQUE, Pierre. *Le problème de l'être chez Aristote*. Paris: PUF, 1962.
- CASE, Thomas. Aristotle. In: *ENCYCLOPAEDIA Britannica*. 11 ed. London, Encyclopaedia Britannica, 1910. p. 501-522. 2º v.
- _____. Aristotle. In: WIAN, William. *Aristotle's Philosophical Development – Problems and Prospects*. London: Rowman & Littlefield Publishers, 1996. p. 1-40.
- CODE, Alan. Owen on the Development of Aristotle's Metaphysics. In: WIAN, William. *Aristotle's Philosophical Development – Problems and Prospects*. London: Rowman & Littlefield Publishers, 1996. p. 303-326.
- DÉCARIE, Vianney. *L'objet de la Métaphysique selon Aristote*. Montréal: Institut d'Études Médiévales, 1972.
- GOHLKE, Paul. *Die Entstehung des aristotelischen Prinzipienlehre*. Tübingen: Mohr, 1954.
- JAEGER, Werner. *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1912.
- _____. *Aristoteles – Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1923.
- MENN, Stephen. *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. [s.l.]: [s.n.], 20--.
Disponível em: <<https://www.philosophie.hu-berlin.de/de/lehrbereiche/antike/mitarbeiter/menn/contents>>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- OGGIONI, Emilio. *La filosofia prima di Aristotele: Saggio di ricostruzione e di interpretazione*. Milano: Vita e Pensiero, 1939.
- OÑATE Y ZUBÍA, Teresa. *Para leer la Metafísica de Aristóteles en el siglo XXI: Análisis crítico hermenéutico de los 14 lógoi de Filosofía Primera*. Madrid: Dykinson, 2001.
- OWEN, G. E. L. The Platonism of Aristotle. *Proceedings of the British Academy*. London, vol. 50. p. 125-150, 1965.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: II. Platão e Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Il concetto di "filosofia prima" e l'unità della metafisica di Aristotele*. Milano: Bompiani: 2008.
- VON ARNIM, Hans. Zu W. Jaegers Grundlegung der Entwicklungsgeschichte des Aristoteles. *Wiener Studien*. Wien, v. 46, n. 1. p. 1-47, 1927-1928.
- _____. Die Entstehung der Gotteslehre des Aristoteles. *Sitzungsberichte der Akademie der Wissenschaften in Wien - Philosophisch-historische Klasse*. Wien-Leipzig, v. 212, n. 5. 1931.

Costa Assunção Cecílio, Guilherme da

A interpretação evolutiva de Werner Jaeger da Metafísica de Aristóteles: uma análise crítica

WUNDT, Max. *Untersuchungen zur Metaphysik des Aristoteles*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1953.

ZÜRCHER, Josef. *Aristoteles' Werk und Geist untersucht und dargestellt*. Paderborn: Schöningh, 1952.

[Recebido em agosto de 2016; aceito em outubro de 2016.]